

Três Finais em Busca de um Ator: Será que é Permitido ao Ator Escolher o que se Quer?

Three Finals Searching for one Actor: Is the Author Allowed to Choose What he Really Wants?

Paulo Hayashi Júnior^{a*}

^aUniversidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Aplicadas, SP, Brasil

*E-mail: paulo.hayashi@hotmail.com

Resumo

Apesar de algo natural e inerente ao próprio ser humano, a morte e seus possíveis efeitos não costumam ser discutidos e até mesmo analisados conforme as consequências de sobrevivência da alma e da própria reencarnação. Com base na psicoterapia de Viktor Frankl, o presente ensaio almeja descrever três tipos de morte com base na sobrevivência do ser e da possibilidade ou não, de se voltar por meio da reencarnação. As relações de ganhos e perdas inerentes a cada tipo de morte são apresentadas e discutidas. Argumenta-se que a morte do tipo III, com sobrevivência da alma e reencarnação é aquela que traz maiores benefícios para o próprio ser, uma vez que não há uma perda definitiva e que há a possibilidade de reparo dos erros e novas oportunidades de aprendizagem são oferecidas. Ademais, alguns propósitos de vida são explorados de forma a tentar compreender algumas estratégias de vida.

Palavras-chave: Morte. Espiritualidade. Propósito de Vida.

Abstract

Despite of being natural and inherent for human beings, death and its possible effects are not usually discussed and even analyzed according to the soul's survival consequences and the reincarnation itself. Based on the psychotherapy of Viktor Frankl, this essay tries to describe three different types of death based on the being's survival and the possibility or not, of returning by means of reincarnation. The gains and losses relating to each type of death are presented and discussed. It is discussed that type III of death, with the soul survival and reincarnation brings more benefits than other types of deaths for the being itself, because there is not a definitive loss and there is the possibility of repairs and new opportunities for learning are offered. Besides, some life purposes are explored with the intention of a better comprehension of different life strategies.

Keywords: *Death. Spirituality. Life Purpose.*

1 Introdução

De acordo com seu criador, o cartunista argentino Quino, Mafalda nasceu em 15 de março de 1962 e apareceu pela primeira vez em uma tira em 29 de setembro de 1964 (QUINO, 1997). Apesar da sua popularidade, a personagem teve uma primeira fase de vida não muito longa e se despede de seus leitores em 25 de junho de 1973. Nestes nove anos de vida, a pequena Mafalda deixa saudades a seus leitores e apenas recentemente, o autor vem a retomar as suas publicações.

Esta menina questionadora e também dotada de certa ingenuidade infantil nos inspira para a melhoria da Humanidade e de nós próprios. A grandeza da personagem é fortalecida pelo caráter ímpar de seus amigos; o ingênuo Felipe, o capitalista Manolito, a casamenteira Susanita e o pensador Miguelito, entre outros. Esta turma animada consegue muitas vezes exprimir de modo ímpar as angústias e temas a serem refletidos sem ser piegas ou então, de forma profunda e diferente. Fato que permite explorações no campo científico, pois como bem tratou Bachelard (1996) com os obstáculos epistemológicos e Bacon (1999) com seus ídolos, é necessário parar às vezes para reflexões mais profundas e sair do padrão de pensamento que estamos

acostumados. Padrões estes de pensamentos que acabam se tornando verdadeiras prisões (CURY, 2014). Assim, é imprescindível que se saia da “caverna”, da zona de conforto, da zona de nosso próprio conhecimento para mirar o futuro. Questiona-se então as próprias crenças, colocando-as em suspensão. Nas palavras de Aristóteles a dúvida é o princípio da sabedoria.

Uma das grandes barreiras da humanidade é o preconceito existente dentro do próprio homem; são os limites de sua racionalidade, do reducionismo desmensurado e de seu conhecimento que limitam ‘voos’ mais altos.

Deste modo, o artigo tem como objetivo articular, de forma exploratória, um embate sobre as diferentes perspectivas de sobrevivência ou não do homem depois de sua morte, bem como as consequências de seguir ou não tais orientações.

2 Desenvolvimento

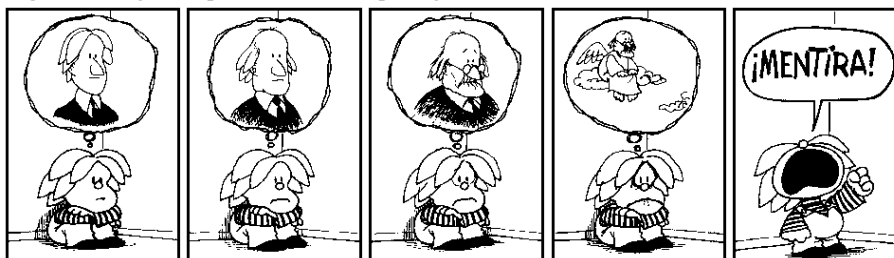
Mais do que filosofar, o artigo procura refletir sobre cada alternativa e seus impactos no próprio ser, independentemente de ele acreditar ou não. Ou seja, até que ponto é permitido a cada um escolher o destino a seguir depois da morte? A morte é apenas uma construção social, ou a questão biológica impõe

restrições que, mesmo não querendo, o indivíduo é obrigado a curvar-se diante do fato?

Até que ponto o padrão mental impede de superar os obstáculos que possibilitam melhores desempenhos em nível de encarnados? Os padrões mentais podem atrapalhar o desenvolvimento do ser tendo em vista uma expectativa errônea? Mais do que a busca por respostas, o ensaio procura gerar desconforto e reflexões críticas sobre as possíveis

alternativas de sobrevivência ou não do ser e suas implicações. Ademais, espera-se discorrer sem aspectos místicos, mas apenas a racionalidade laica e a premissa de que as pessoas são imperfeitas. Começemos a jornada refletindo com a ajuda de um dos amigos de Mafalda. Em uma tira de apenas cinco quadros, Miguelito consegue exprimir seus pensamentos e preocupações acerca da passagem da vida e também, sua indignação e revolta (Figura 1).

Figura 1: Miguelito pensando sobre a passagem da vida



Fonte: Quino (1997, p.421).

Nesta mesma forma de indignação e apreensão se encontra o personagem Ivan Ilitch de Liev Tolstói. Depois de uma promoção no emprego e a ida para a capital da Rússia, o juiz Ivan Ilitch acaba se acidentando, o que leva em uma penosa decadência até chegar no derradeiro momento. “Mas o que significa isso, afinal? Por quê? Impossível! A vida não pode ser assim tão sem sentido e nojenta! Mas, se ela foi tão nojenta e sem sentido, por que devo eu morrer e morrer sofrendo? Alguma coisa, positivamente, está errada!” (TOLSTÓI, 2002, p.46).

Questiona-se assim não apenas o desespero, mas também a própria revolta caso não se saiba ou não se descubra em tempos hábeis o propósito da vida. De certo modo, o estudo da tanatologia (em grego *Thánatos* significa a morte ou o deus envolvido com a morte) proposto por Kübler-Ross (2008) nos oferece certas pistas sobre o que sentem os pacientes sem possibilidades de cura médica, sendo os cinco estágios (negação, raiva, barganha, depressão e aceitação) já amplamente conhecidos na atualidade.

Outro autor importante para estudar a questão é da vida

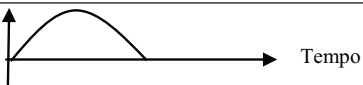


e da morte é Viktor Frankl. Psicólogo e psiquiatra austríaco, passou por quatro campos de concentração durante a 2ª Guerra Mundial, Frankl percebeu que aqueles prisioneiros que mantinham acesa uma esperança de vida e percebiam a sua vida com um certo propósito e significado haviam maiores chances de sobrevivência do que outros. Ou nas palavras de Einstein: “O homem que considera sua vida sem sentido, não é simplesmente um infeliz, mas alguém que dificilmente adapta-se a vida” (FRANKL, 2005, p.35).

Deste modo, como uma forma de explorar o tema da morte, adota-se uma perspectiva de que cada ação imprime uma reação, mas que esta última pode variar até mesmo conforme o tipo de morte a ser adotado, bem como o próprio propósito. Com isso, surge três alternativas em relação à morte e suas consequências *post-mortem*, as quais passaremos a descrever e a detalhar a seguir.

2.1 Três tipos de morte

Com relação aos tipos de morte e suas características, pode-se descrever três tipos conforme o Quadro 1.

Quadro 1: Tipos de Morte e suas características

| Tipo de Morte | Descrição | Símbolo |
|-----------------|---|--|
| Tipo I | A morte é o fim de tudo. |  |
| Tipo II | A morte não é o fim de tudo, mas não se volta mais (sem reencarnação); |  |
| Tipo III | A morte não é o fim de tudo, volta-se novamente à vida pelo processo da reencarnação. |  |

Fonte: Dados da pesquisa.

Na primeira alternativa há uma perspectiva materialista da vida e, portanto, com o fim da matéria também tudo se acaba. Não há dor, nem culpa ou remorso, pois o ser se extingue com o fim da própria vida biológica. É o paradoxo da morte. Ela se extingue com o exercício da própria potência. Não há sobrevivência da alma, da consciência e tampouco de suas recordações e memórias. Além disso, a passagem do ser pela vida não teria propósitos maiores, motivos e/ou utilidades que expressem a função do ser. O regozijo está em deixar boas lembranças para que os outros recordem de nós até o ponto destes outros também virem a ser recordações de outros terceiros e assim por diante. A vida é simples casualidade biológica e nada mais. Em uma simples frase: “morreu, acabou!”. Assim como no sono não há consciência, também na morte do tipo I não há dor. Dorme sem saber; a vida é para ser vivida sem preocupações com o futuro *post-mortem*. As perdas são para quem ficaram, pois aqueles que se foram, pelo menos neste tipo de morte, não há sofrimento e remorso, angústia de perda e consciência. Por exemplo, a perda do poder aquisitivo e das rendas é a grande preocupação da viúva Praskóvia no romance de Tólstoi.

Na morte do tipo I há um começo absoluto da vida e também um final absoluto. Não há história antes da vida, tampouco história, de maneira específica, depois da vida. O símbolo da morte do tipo I representa justamente um grande começo e um grande final sem repetição. Além disso, se o homem é a imagem do universo, tal como no mantra da alquimia de que “o que está acima está embaixo” ou na seção áurea da geometria “a parte menor está para a maior assim como a parte maior está para o todo” (FRANKL, 2007, p.75), então a visão da morte do tipo I seria correspondente à teoria do *Big Bang* e do *Big Crush* na cosmologia. Um começo certo com um final também certo, mas sem data específica para terminar.

Por outro lado, a morte do tipo II há a sobrevivência do ser imaterial, a alma, sua consciência. O que morre é o corpo carnal apenas, não o indivíduo. Resta aqui a sua consciência, a sua alma, as suas recordações. Entretanto, diferentemente da morte anterior na qual o ser não sente mais nada, nem possui mais consciência, na morte do tipo II há a presença da sobrevivência e da percepção da consciência/alma. O sofrimento ou a glória vão ser para toda a eternidade, mesmo que esta medida não esteja clara. O futuro *post-mortem* depende da qualidade de vida vivida durante uma única encarnação, mesmo que as condições não sejam iguais para todos. Há pessoas que nascem ricas, outras pobres, muitas com deficiências físicas ou moral, mas nenhuma delas terá uma segunda chance ou oportunidades diferentes em contextos e posições distintas. Além disso, o destino não depende apenas das pessoas, mas também da própria *sorte* de ter sido premiado com condições especiais e favoráveis à prática do bem ou não.

Neste tipo de morte há continuidade e, portanto, há consequências *post-mortem*, mesmo que a pena ou o gozo sejam maiores do que o próprio período de provação. A

eternidade é desmesurada frente ao período vivido. Nesta morte, o indivíduo tem consciência de sua condição e de sua separação. Há perdas sentidas tanto para aqueles que ficaram quanto para os que foram, todavia não há meios de amenizar os problemas. A separação física, apesar de passageira (implicando-se aqui que todos morrerão um dia), implica na impossibilidade de melhoria do destino *pós-mortem*, ficando à mercê da sorte. Como diria em um dos textos antigos presentes em “Carmina Burana”, a sorte é como a lua, sempre cresce, sempre diminui, que brinca com a mente. O símbolo da morte do tipo II representa que a vida tem um início, mas não tem fim. É eterna, mas sem retorno ou reencarnação (ELIADE, 1992). Assim, o período *post-mortem* é infinitamente maior que a vida encarnada. Na comparação com a cosmologia, a morte do tipo II seria a visão do crescimento infinito do universo. Houve um começo, mas não há fim.

Por fim, há a morte do tipo III com sobrevivência e reencarnação. Sobrevive a alma depois de uma vida que teve suas condições físicas, econômicas, sociais definidas segundo as próprias lições e provações a serem aprendidas na Terra. Assim, há razão por trás da condição da própria pessoa e não a aleatoriedade. Ou seja, cada um está onde deve estar segundo as suas próprias necessidades de evolução e de expiação, caso tenha errado ou acertado na vida anterior. A reencarnação permite que haja uma continuidade lógica entre a vida que se extingue e a próxima que virá. Há história antes do próprio berço e cada um recebe conforme as próprias obras, pois não há desperdício, perda ou aleatoriedade, apenas a continuação de uma longa jornada de migração entre vida encarnada, vida desencarnada. A vida corpórea reflete a colheita daquilo que foi semeado anteriormente e assim, o erro se transforma em lição a ser aprendida na próxima encarnação; por outro lado, os acertos também auxiliam na prosperidade e no progresso do ser, pois com a reencarnação o homem é um projeto a ser realizado pelo próprio ser ao longo do tempo (SARTRE, 2001).

Diferentemente da morte tipo I que premia quem mais errou (ou quem mais deve), na morte tipo III o acúmulo de recompensas premia os que mais acertaram e, de certo modo, cobra justiça aos que mais erraram. O erro exige reparação, assim como quem deve, um dia deve pagar. Além disso, a vida se transforma em um grande projeto de aprendizagem, o mundo é uma grande escola e, há pessoas em níveis distintos de evolução, aprendizagem e responsabilidade. Algumas ainda estão no período inicial, sofrendo com as regras simples, outros em estágios mais avançados, servindo como orientadores de desenvolvimento, tal como um aluno adiantado auxiliando outro. Todos são alunos, mas com tarefas e lições específicas. Diferentemente dos outros tipos de morte, as falhas do homem representam sua própria condição dentro de uma escala de conhecimentos, habilidades e atitudes. A reencarnação apesar de destacar a responsabilidade do homem perante a vida e seu destino, pois coloca em suas mãos a chave para a própria felicidade, dispensa a aleatoriedade e a finitude

do vazio (morte tipo I) ou a infinitude eterna (morte tipo II) que acaba se tornando em um vazio talvez até maior devido ao sentido de impotência perante à eternidade. Por outro lado, na morte tipo III todo efeito tem uma causa, como também cada semente errada torna-se um dever de reparo. Ou como diria o Apóstolo Paulo a sementeira é livre, mas a colheita é obrigatória. Diferentemente das opções anteriores.

Tanto na primeira quanto na segunda opção não há novas oportunidades de reparo, arrependimento ou conserto, ainda que na segunda há o peso de se assumir as consequências. Se enquanto na morte do tipo I não há separação dos seres amados, mas aniquilamento, na morte do tipo II não há opção de viver novamente no corpo carnal. Já na terceira opção, o que morre é apenas o corpo carnal. A morte é apenas uma separação temporária do ser com seus entes queridos e haverá sempre novas oportunidades de encontros e refazimentos, aperfeiçoamentos e evolução. É o olhar de Janus! Na morte do tipo III a morte do corpo carnal não significa a morte do ser, de sua consciência, de suas memórias e lições aprendidas. O corpo carnal morre, mas não o ser. Por outro lado, quando se reencarna o que volta é o ser com sua consciência, o seu espírito e aquisições da vida anterior, mas em outro corpo material. O corpo é apenas uma vestimenta, uma roupa ou aparato que permite a experiência da vida encarnada, como um simulacro que permite o aperfeiçoamento ao longo de várias experiências. O símbolo da morte do tipo III representa as diferentes idas e vindas, em processos de evolução,

Três tipos de morte, três paradigmas de vida e morte, todos eles com consequências diferentes de ganhos e perdas. Sendo assim, quais seriam as melhores estratégias para se viver na vida? Como jogar com o destino? Como não chorar no final? Não são respostas fáceis ou simples, o preconceito é sempre grande e por isto, abordaremos o assunto de forma racional, analisando primeiramente os ganhos e as perdas implícitas em cada um dos tipos de morte.

2.2 Ganhos e perdas

O que o defensor da morte tipo I ganha se estiver certo? A morte do tipo I seria a premiação do mais culpado, pois não deixaria responsabilidades e consequências para suas ações para com a humanidade e o próximo. Ou seja, o perdão das dívidas tem mais valor para aquele que mais deve. Por exemplo, quem pratica a boa ação e uma vida correta nada ganharia com a extinção do ser com a morte carnal. Por outro lado, aquele que cometeu delitos, roubos, destruiu vidas em proveito próprio, se na hora da morte não tiver consequências nenhuma, então seria um ganho não ter que reparar nada.

O que o defensor da morte tipo I perde caso esteja errado? A perda pode ser considerável, principalmente para aqueles que viveram uma vida não virtuosa. O desconhecimento da vida *post-mortem* e suas consequências não pode livrar o culpado do remorso e da própria responsabilidade pelas faltas. O banco não deixa de cobrar pela falta de conhecimento do

cliente. Pelo contrário, com o tempo os juros podem fazer com que a dívida cresça devido à falta de pagamento. A consciência a ser limpa exige não apenas arrependimento, mas também reparo. Deve-se reconhecer a dívida e resgatá-la. O perdão não se faz apenas pelo reconhecimento do erro. Deste modo, a falta de preparo e a falsa crença de que nada existiria depois da morte pode resultar em uma herança pós-túmulo considerável para aqueles que abusaram da vida. Neste caso, talvez a pior situação seria não poder resgatar a dívida e ter que sofrer por toda a eternidade (morte tipo II).

Errar e ter a opção de reparar seria uma espécie de oportunidade valiosa (morte tipo III). Todavia, para aquele que viveu uma vida virtuosa, mesmo que não reconhecendo a sobrevivência ou a reencarnação, conseguirá obter bons rendimentos como algo que veio de forma inesperada. Não se espera sobreviver, mas sobreviveu. Não esperava obter os frutos da virtude e os recebeu. Assim, em situações extremadas, a morte do tipo I pode, dependendo do estilo de vida empregado, obter uma alta dívida a ser paga ou uma herança bendita inesperada.

Por outro lado, o que o defensor da morte tipo II ganha se estiver certo? Assim como no caso anterior, os ganhos e as perdas dependerão do próprio tipo de vida levado pela pessoa, assim como a “sorte” de ser privilegiado pelo “destino”. De onde viriam as desigualdades no nascimento se não há uma situação inicial que os tornem desiguais? Além disso, tornaria verdadeiro a seguinte máxima: “o que nós fazemos em vida ecoa por toda a eternidade”. Sorte do que vieram privilegiados em vida. Todavia, o ganho deste defensor é ainda repleto de perdas: a perda de novas oportunidades, a perda de definir seu destino conforme suas próprias obras devido à aleatoriedade do Universo e até mesmo, a perda de contato e comunicação com aqueles que mais se amam.

O que o defensor da morte tipo II perde caso esteja errado? Se o certo for a morte do tipo I, o defensor (da morte tipo II) perde a consciência e a responsabilidade *post-mortem*. Se o certo for a morte do tipo III, o defensor (da morte tipo II) ganha oportunidades para reparar os erros, aperfeiçoar os pontos necessários e reforçar os laços familiares e de amizade. Há continuidade da vida na morte e esta não seria nada mais do que uma etapa da vida desmaterializada do corpo carnal. Perde-se assim as penas ou os gozos eternos. Tudo seria provisório até a próxima reencarnação.

Por fim, o que o defensor da morte tipo III ganha se estiver certo? A morte do tipo III pressupõe a sobrevivência da alma e a reencarnação e, se estiver certo, ganha novas oportunidades de se matricular na escola da vida e frequentar séries cada vez mais avançadas, pois as lições aprendidas em uma vida não se perdem com a morte. Acumula-se com o tempo e a perfectibilidade vem por meio das várias experiências e lições obtidas ao longo de várias encarnações. Além disso, os familiares e amigos não se distanciam, mesmo com a morte carnal, pois a separação é relativa, assim como os erros. A vida se transforma em uma

agenda de aperfeiçoamento e evolução, autoburilamento e continuidade. E assim como nos casos anteriores, o gozar ou sofrer na vida *post-mortem* depende das ações praticadas em vida e não do seu reconhecimento prévio. Com isso, as virtudes e caridades acumuladas em benefício do próximo se transformam em redentora “poupança” que auxilia na avaliação do ser. Por quê a caridade ao invés das ações egóicas? A caridade representa as ações que beneficiam o conjunto ao invés do ser. Pela caridade é possível que a convivência entre as pessoas se torne mais cooperativa e de reciprocidade, a ajuda mútua beneficia a todos, enquanto que a ação egóica destruiria o sentimento de unidade e avanço do grupo (AXELROD, 1984). De certo modo, a caridade representa a ação de ajudar para ser ajudado, uma forma de acerto que redime erros passados, tal como uma espécie de moeda que resgata dívidas longínquas. “*Wieviel ist aufzuleiden*” (Quanto sofrimento há por resgatar!) Já exclamava Rilke (FRANKL, 2008).

O que o defensor da morte tipo III perde caso esteja errado? A oportunidade de melhorias é a perda mais considerável, assim como há o enfraquecimento da lei da causa e efeito. Com a morte do tipo I pressupõe que existem certas causas que não geram efeitos, bem como certos efeitos que vieram sem causa aparente ou justa. Outro ponto a ser considerado é o reforço da morte como separação absoluta ao invés de relativa dos homens com seus entes queridos. Já na morte do tipo II há o surgimento da vida por meio da aleatoriedade e o sofrimento pode ser desmensurado em comparação com o período de vida terrena. Com isso, a vida deixa de ser um grande projeto de aprendizagem humana e de progresso para se transformar em uma grande aventura biológica, cujo destino é o desperdício total (morte tipo I) ou a estagnação eterna (morte tipo II).

2.3 Discussão

Os tipos de morte (I, II, III) representam não apenas esquemas lógicos, mas também paradigmas bio-psico-social-espirituais que podem se cristalizar em estilos de vida (SULMASY, 2002). Assim, vivenciando sob determinado paradigma, até que ponto é possível reconhecer se estava certo ou não em vida com o tipo de morte assumido? Quais as melhores e piores alternativas? Será que se a morte do tipo I for a correta haveria reconhecimento por parte dos defensores do tipo II e III? Simplesmente não haveria necessidade, assim como quem dorme não reconhece que está dormindo. Ainda, teria dificuldades o defensor do tipo I em reconhecer seu erro? Qual seria a reação de alguém que já morreu e não acredita em sobrevivência *post-mortem* quando estiver do ‘lado de lá’? Seria possível que um ‘fantasma’ não vai acreditar que ‘fantasmas’ existem tal como no filme “Os outros”? Não haveria dificuldades de adaptação do defensor do tipo III nas mortes do tipo II, pois aquele reconhece a sobrevivência da alma. Por outro lado, se o defensor do tipo III estiver correto, o tipo II não terá também tantas dificuldades em

reconhecer a reencarnação da alma, pois na sua concepção de eternidade há a sobrevivência do ser. Ainda, tempos preciosos e oportunidades podem ser perdidos pela negação da reencarnação. Por outro lado, para o tipo I será um processo mais difícil e talvez até mais doloroso, pois na sua mente, cristalizada como um pensamento recorrente, há uma ideia errônea da não sobrevivência do ser e da não reencarnação. Há necessidade de uma mudança radical em sua mente e em aceitar como errado os pressupostos que adotava em vida. É querer um fim definitivo, enquanto que a morte pode ser o começo de tudo. Em última instância cabe a questão do “fantasma” que não acredita em “fantasmas” ou de dormir um sono não eterno como se fosse uma morte “absoluta”. Como acordá-lo?

A morte, apesar de ser um fato natural do ser humano e de todo ser vivente, pode variar em sua concepção e variações de vida *post-mortem*. As conseqüências de se adotar determinado paradigma podem influenciar não apenas no estilo de vida, como também nas conseqüências a serem colhidas. Mais do que uma questão física, orgânica, o processo mental também influencia no reconhecimento de erros, ajustes e acertos.

Mas, será que é permitido ao ator escolher o que se quer? Parece que sim, pois senão haveria mais o consenso sobre o assunto e o desenvolvimento do livre arbítrio não seria a pedra de toque de muitas religiões. A liberdade existe. Não seria o ser humano aquele que decide o que ele é? (FRANKL, 2008; XAUSA, 2013). Mas, e a responsabilidade de tais atos acompanha o indivíduo mesmo após a sua morte? Se não é possível provar a verdadeira, qual seria a falsa no sentido Popperiano? Se nenhuma delas também é possível descartar no primeiro momento, então devemos pensar como cientistas e suspender os pré-julgamentos, buscando não apenas a entender melhor o fenômeno, mas principalmente de buscar uma visão mais ampla de compreensão da realidade. Conforme Viktor Frankl (2005, p.66): “um cientista pode fixar-se em sua ciência e permanecer em suas dimensões, mas deve também estar aberto, manter aberta sua ciência, ao menos à possibilidade de uma dimensão diferente e mais alta”.

Deste modo, voltando aos tipos de morte, qual é a melhor opção dentre elas? Qual parece ser a estratégia de vida mais racional? Caso adotássemos uma perspectiva da teoria dos jogos, por exemplo, a melhor alternativa é evitar aquela perspectiva que traz maiores prejuízos, que no caso é a morte tipo I que representa a inexistência de um sentido maior para a vida, um propósito. A falta de um propósito torna a vida agonizante, e talvez a melhor estratégia seria a própria negação da morte (FRANKL, 2005; BECKER, 1973).

Outra opção prudente é sempre ter mais créditos (boas ações) do que débitos (más ações) na balança do destino, pois independente da visão de morte a ser assumida, estando certo ou errado, a pessoa não vai ter uma obrigatoriedade de colheitas desagradáveis. É sempre melhor ser credor do que devedor. Apenas quem tem a consciência tranquila de ter vivida uma vida justa e útil poderia ter tomado a cicuta com tal

calma e sem apreensão como fez Sócrates. Ou seja, levar uma vida virtuosa acima de tudo, acertando mais do que errado. Se o certo for a morte tipo I, ela nada vai ganhar. Por outro lado,

se for a morte do tipo III, ela nada vai ter a perder, acumulando valioso tesouro de experiência e conhecimento, consciência e competências.

Quadro 2: Resumo das consequências pelo tipo de vida levada em relação aos tipos de morte

| | Vida Egóica | Vida Altruística | Recuperação |
|-----------------------|---|---|-------------|
| Morte Tipo I | Perdão das dívidas sem necessidade de reparação | Perda do acúmulo de boas ações | Não |
| Morte Tipo II | Sufrimento eterno | Gozo eterno | Não |
| Morte Tipo III | Reparação das dívidas com novas oportunidades de reparação e aprendizagem | Acúmulo de conhecimento e experiência, possibilitando o ingresso em séries mais avançadas de aprendizagem | Sim |

Fonte: Dados da pesquisa.

Com o Quadro 2, é possível perceber que a principal variável de definição sobre o sofrimento ou a bonança *post-mortem* não é necessariamente o tipo de morte que se acredita, mas o estilo de vida a ser seguido. Neste caso, a pior estratégia seria uma vida egóica ou egoística que representa a busca apenas dos interesses pessoais em detrimento do coletivo. A vida egóica, neste caso como o contrário de altruísmo, representa um estilo de vida que acarreta prejuízos para a sociedade e principalmente, para o próprio ser. É a questão de ser um torpe ao invés de uma pessoa direita (FRANKL, 2008). Uma sociedade que busca a plena satisfação egóica de seus seres representaria uma sociedade conturbada, sendo que a busca pela máxima satisfação das necessidades e desejos de um indivíduo pode representar a máxima injustiça para com os demais. Se a liberdade de um vai até o limite da liberdade e do direito do outro, então a vida egóica representa um modo deslocado dos interesses da comunidade, tornando a mesma um lugar de apreensão e sofrimento, injustiças e disputas. Por outro lado, a caridade e o altruísmo, representaria um estilo de vida que permite a cooperação entre seres distintos, sendo a reciprocidade e a confiança elementos que permitem uma convivência mais pacífica e ajustada das pessoas. Ademais, está presente no Quadro 2 uma coluna de recuperação, pois trabalha-se com a premissa de que as pessoas são imperfeitas. Assim, apenas na opção com reencarnação é possível haver o resgate da dívida e a opção de perfectibilidade do ser humano. Nas outras opções a vida não possibilita reparos e a radicalidade se torna maior devido à cristalização dos erros.

Passaremos a descrever na próxima seção as correlações existentes entre os diferentes paradigmas de morte e as possíveis variações dos propósitos de vida que podem adotar as pessoas. É importante frisar que o termo “propósito de vida” está sendo utilizado não de forma literal ao “sentido” (na vida, da vida ou do mundo) utilizando por Frankl (AQUINO, 2014), mas de forma mais ampla e por isto, não necessariamente positivo.

2.3.1 Propósito de vida

Não se adota uma perspectiva linear de que o paradigma de morte determina o estilo de vida, pois o contrário pode ser verdadeiro também. Com isso, o Quadro 3 apresenta uma correlação entre um e outro e não a sua causa e efeito. Seria mais próximo da verdade considerar que ambos se influenciam mutuamente, pois não se adota aqui a perspectiva presente na obra de Ernest Becker (1973) de que o homem desde o início tem um aterrador e mortificante terror em relação à morte e esta o impulsiona na busca pela sua jornada heroica. Além disso, conforme a premissa adotada no início do artigo de que as pessoas são imperfeitas, então muito provavelmente o conteúdo da sua vida é representada melhor em forma de um *continuum* entre ações egóicas e ações altruísticas. Todavia, para facilitar o entendimento, foi rotulado os pontos extremos como sendo aqueles que podem representar padrões comuns de certos indivíduos. Assim, emergem seis padrões de propósitos de vida: carpe diem, memória de terceiros, sofredor eterno, religioso espartano, religioso espartano, aluno falido e mestre (Quadro 3).

Quadro 3: Propósitos de vida e tipos de morte

| | Propósitos | |
|-----------------------|-----------------|----------------------|
| | Vida Egóica | Vida Altruística |
| Morte Tipo I | Carpe Diem | Memória de Terceiros |
| Morte Tipo II | Sofredor Eterno | Religioso Espartano |
| Morte Tipo III | Aluno Falido | Mestre |

Fonte: Dados da pesquisa.

✓ **Carpe Diem** - este propósito de vida representa a busca pelo prazer, o hedonismo e o evitamento da

dor. Para pessoas que adotam esta perspectiva, a vida é para ser vivida e desfrutada, pois a vida material é

breve e passageira. Apesar de parecer uma estratégia com sentido na vida, na verdade, acaba se tornando o contrário. Ou seja, o despropósito da vida.

- ✓ **Memória de terceiros** – o propósito desta vida, mesmo percebendo esta como passageira e sem retorno, é deixar um conjunto significativo de recordações e obras realizadas, as quais disputarão espaço no patrimônio imortal da humanidade (BECKER, 1973). Além disso, também representa deixar boas lembranças para aqueles que ficam e honrarão seu nome e reputação.
- ✓ **Sofredor eterno** – o propósito ou despropósito desta vida pode ser uma espécie de autopunição/auto sacrifício, pois adota-se a perspectiva da morte do tipo II que representa o gozo ou as penas eternas. Os efeitos sofridos são desproporcionais as causas frente à eternidade. Quem não buscaria a salvação sabendo que o futuro é impreterivelmente negro caso não haja boas ações para equilibrar a balança final do destino?
- ✓ **Religioso espartano** – Esparta foi uma cidade-estado da Grécia antiga e era famosa pela educação rigorosa de seus cidadãos. Este padrão de vida representa as ações e as intenções voltadas para o auto aperfeiçoamento de si e dos outros. Todavia, como toda educação rigorosa pode acabar se tornando rígida, o que implica em falta de flexibilidade. O religioso espartano tem suas ações voltadas para o bem-estar maior da comunidade devido ao medo da punição eterna e/ou pela própria vontade própria de ajudar, seja com ganhos e recompensas ou não. No primeiro caso há certo egoísmo envolvido, mesmo que disfarçado pela capa da bondade.
- ✓ **Aluno falido** - apesar da pessoa adotar a perspectiva da morte do Tipo III, o aluno ainda não está pronto para superar as lições, pois as dificuldades são maiores do que seus recursos ou até mesmo a falta de vontade e empenho do próprio aluno. O propósito de vida está esfumado e por isto não há um comprometimento

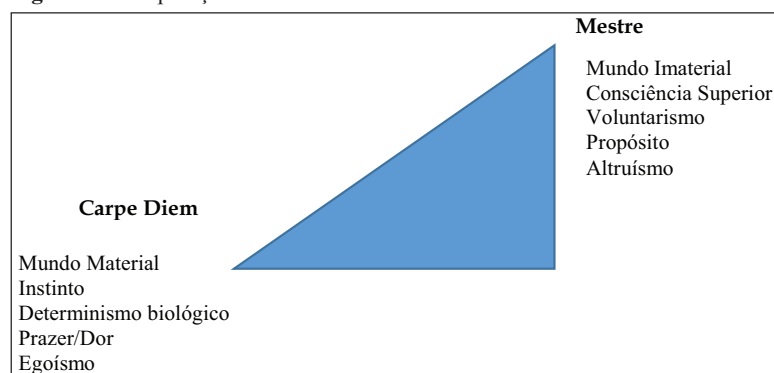
maior do aluno frente à lição.

- ✓ **Mestre** - o propósito da vida de um mestre é servir como exemplo e auxiliar os outros a aprenderem à lição, respaldando estes últimos quando estão para falir ou instruindo-os por meio de ensinamentos. Diferentemente do religioso espartano, o mestre não busca o altruísmo como forma de recompensas eternas, pois não há eternidade na morte do tipo III. O mestre tem como propósito a difusão do ensinamento e do correto modo de viver, pois é necessário que a classe avance. A recompensa do mestre é o avanço dos demais. Esta é a sua causa. Apenas como ilustração, seguem as palavras de Viktor Frankl para uma de suas pacientes de câncer terminal:

[...] sabe de uma coisa, senhora Kotek, a senhora em sua vida não só teve toda uma gama de méritos, mas também fez do seu sofrimento o que dele melhor se pode fazer! E neste sentido a senhora é um exemplo para nossos pacientes. Congratulo-me com seus companheiros pacientes por poderem tomar a senhora como exemplo (FRANKL, 2007, p.96)

As seis estratégias de vida ou de propósito na verdade não representam propósitos no sentido mais estrito ou a construção apropriada da vida individual (FRANKL; LAPIDE, 2014). Percebe-se isto principalmente pelo lado esquerdo das flechas dos *continuums*. Carpe diem, sofredor eterno e aluno falido representam formas de não estratégia ou que os propósitos de vida estejam ainda escondidos, desconhecidos, ou ainda que a consciência os traiu (FRANKL, 2007). Todavia, do outro lado, percebe-se uma certa graduação também presente indo de um lado material (memória de terceiros) para o lado imaterial (mestre). Enquanto que na “Memória de terceiros” o que importa é imortalizar a pessoa e sua obra, na figura do Mestre o que vale é o ensinamento ao aluno. É o altruísmo de ganhar a vida ajudando os outros, pois não seria o amor a quintessência da vida? (FRANKL, 2008). Adotando-se uma comparação entre os dois extremos, ou seja, Carpe Diem e Mestre, pode-se obter a seguinte (Figura 2).

Figura 2: Comparação entre os extremos



Fonte: Dados da pesquisa.

O *carpe diem* representado na célebre passagem do poeta Horácio: “Colhe o dia presente e sê o menos confiante possível

no futuro”, torna-se um convite para o usufruto do prazer material, do hedonismo. O lado instintivo do homem aflora

em sua plenitude. Todavia, “o homem não parece ser capaz de ‘ajudar’ o seu egoísmo, isto parece vir da sua natureza animal” (BECKER, 1973, p.2) e de seu instinto (FRANKL, 2007). Assim, se a sociedade fosse apenas povoada com pessoas vivendo o *carpe diem*, a situação seria degradante. Sociedades onde não há lei, tampouco o respeito ao próximo, mas apenas a busca pela sobrevivência e o máximo prazer individual representam um modo primitivo e ultrapassado de viver. Há no *carpe diem* um instinto de prazer e sobrevivência, mas sem um propósito maior para a vida. Não há a busca pela riqueza espiritual interior, tampouco pela transcendência (MASLOW, 1962).

Por outro lado, uma sociedade plenamente composta por mestres seria um ambiente de solidariedade e de pessoas que se preocupam mais com o próximo do que consigo mesmas. Ajudar outras pessoas, contribuir com uma causa, não seria isto a chave para a felicidade e para o sucesso pessoal? Ganhar a vida com a preocupação do sucesso e felicidade do próximo? “Somente na medida em que consegue viver esta autotranscendência da existência humana, alguém é autenticamente homem e autenticamente si próprio” (FRANKL, 2003, p.36). Ou de acordo com Frankl e Lapide (2014, p.71): “Alguém que é capaz de ‘sair de sua própria pele’ para amar aos outros ou o outro – até a autoabnegação – é mais fiel ao seu próprio ser”. Assim, a convivência seria respeitada e o altruísmo e o propósito de vida representariam modo corriqueiro e não irregular de vida. Ademais, haveria um voluntarismo do homem ou da consciência do homem sobre a matéria.

No conhecimento védico a consciência do homem é representada como o cavaleiro que está no controle dos cinco cavalos que representam o sentido físico do corpo humano. Quando o homem possui as redes do cavalo, quer dizer que o homem, sua consciência consegue subjugar os prazeres do corpo, bem como suas tentações, marchando assim em direção as metas superiores da vida. Por outro lado, quando são os prazeres que dominam o homem, seria o equivalente que os cavalos conduzissem o homem e não o contrário. E uma carruagem sem condutor é uma viagem condenada ao fracasso (FEURSTEIN, 2003). Com a Figura 2 é possível entender a diferença apresentada por Frankl entre a psicologia da profundidade e a psicologia das alturas (2003). Enquanto que na primeira é o medo da morte e a busca pelo prazer sexual que impulsionam o homem, na segunda é o propósito e o sentido da vida que tornam o ser humano alguém para reivindicar seu espaço no universo, sendo as suas ações as provas e testemunhos que ratificarão tal pedido.

3 Conclusão

O pressuposto do tipo de morte aceita pela pessoa pode influenciar nas próprias escolhas e tipo de vida a ser vivida. Três tipos podem ser distinguidos conforme as próprias consequências da sobrevivência e reencarnação. A morte tipo I representa o ponto de vista materialista, para quem a vida é

um simples arranjo material, sem causas aparentes. Pelo tipo I a morte é o fim de tudo, tendo como consequência não apenas a separação eterna como também a perda da consciência e do próprio sentido de culpa/recompensa pela pessoa na vida *post-mortem*. A vida se transforma em um grande desperdício do Universo, assim como a vida deixa de ter significado além daquele do aproveitamento do curto momento de existência. A vida é como uma fagulha única, uma única chance que, no final, apaga-se para sempre. O único modo de sobreviver seria deixar um legado imortal que manteria a lembrança e a memória do falecido (Memória de Terceiros). Já o *carpe diem* representaria uma forma de não estratégia ou de deixar que os sentidos físicos conduzissem a vida.

Por outro lado, a morte do tipo II representa a sobrevivência da alma, mas sem a oportunidade da reencarnação. A vida se transforma em um ‘tiro único’, sem novas chances de reparos, aperfeiçoamentos e melhorias. Também se valoriza a aleatoriedade, pois se não há reencarnação, tampouco há motivos ou causas anteriores ao nascimento que justifiquem as pessoas terem determinadas condições físicas, econômicas e sociais. Há efeitos sem causa. A radicalidade do tipo II também está presente na própria separação do indivíduo com seus entes queridos ou com o desequilíbrio entre sofrimento ou recompensas eternas. Dos propósitos de vida discutidos neste modo aparecem o sofredor eterno e o religioso espartano. O primeiro tipo também representa uma forma de não estratégia e não há um claro propósito de vida. Diferentemente do segundo. Todavia, neste caso o que pode se pecar é o excesso de rigorosidade devido a desproporcionalidade dos efeitos eternos frente a causas “limitadas”.

Por fim, o tipo III valoriza não apenas a causa e efeito, como também ameniza a radicalidade da morte. Ou seja, a morte não é o fim de tudo, mas apenas a etapa de transição entre uma vida carnal e outra espiritual, tanto o mundo material quanto o espiritual não estão dissociados, mas interligados e inter-relacionados. Há razão para a vida e há razão para a morte. Com isso, o sujeito não será punido ou premiado eternamente, nem deixar de existir para sempre, mas uma inda e vinda com o propósito de evoluir-se. Portanto, não há separação eterna, pecado eterno, muito mesmo desperdício total. A vida se transforma em uma grande escola de oportunidades de melhoria, de correção dos hábitos e de aprendizagem de novos conhecimentos e experiência para o avanço nas séries. Cada um acaba colhendo aquilo que semeou, sendo que os erros e acertos fazem parte do processo de aprender.

Dos tipos analisados, o tipo de morte I parece ser o que mais se arrisca, tendo pouco a ganhar se estiver certo, e muito a perder. O tipo II fica em uma posição intermediária, apesar de que se for para sofrer eternamente é melhor que não haja eternidade. Já o tipo III é o que menos perde e o que mais ganha devido à posição relativa do indivíduo dentro de um mundo que intercala passagem material e imaterial (espiritual). Ademais, com a reencarnação parte-se de uma lei lógica de ação e reação onde cada um colhe aquilo que

realmente semeou, com causalidades “pré-berço”, explicando os efeitos do nascimento e as causas da “vida vivida” que geram efeitos “*post-mortem*”, herança pós-túmulo. Tornando assim verdadeiras as palavras de Einstein: “Deus não joga dados com o Universo” e a liberdade caminharia junto com a responsabilidade.

Apesar de representar ainda mais aspectos de preconceito e de escolhas sem estudos aprofundados de todas as opções, a morte é um fato inerente, natural ao ser humano, devendo este, em algum momento de sua vida, curvar seu ego e orgulho, ignorância e conhecimento, vitalidade do corpo biológico e vitalidade da mente para o cumprimento daquilo que é passagem obrigatória para qualquer ser vivo. Nas palavras da escritura antiga, o Aqueronte sempre estará lá, na espera da travessia. E independentemente de estar preparado ou não para a viagem, muitas vezes a morte torna-se imperativa, pegando o ser desprevenido como dono incauto que não cuida de seu patrimônio. Por isto, nas palavras de Pitágoras: “a prudência é o olho de todas as virtudes”.

Referências

- AQUINO, T.A.A. *A presença não ignorada de Deus*. São Paulo: Paulus, 2014.
- AXELROD, R. *The evolution of cooperation*. New York: Basic Books, 1984.
- BACHELARD, G. *A formação do espírito científico: contribuição para uma análise do conhecimento*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BACON, K. *Coleção os pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- BECKER, E. *The denial of death*. New York: Free Press, 1973.
- CURY, A. *Ansiedade: como enfrentar o mal do século*. São Paulo: Sextante, 2014.
- ELIADE, M. *O mito do eterno retorno*. São Paulo: Mercuryo, 1992.
- FEURSTEIN, G. *Uma visão profunda do yoga: teoria e prática*. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2003.
- FRANKL, V. *Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo*. Aparecida: Ideas & Letras, 2005.
- FRANKL, V. *A presença ignorada de Deus*. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2007.
- FRANKL, V. *Em busca do sentido: um psicólogo no campo de concentração*. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2008.
- FRANKL, V.; LAPIDE, P. *A busca de Deus e questionamentos sobre o sentido*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- KÜBLER-ROSS, E. *Sobre a morte e o morrer: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos próprios parentes*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- MASLOW, A. *Introdução à psicologia do ser*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1962.
- QUINO. *Toda Mafalda*. Buenos Aires: Ediciones de la Flor, 1997.
- SARTRE, J.P. *Ser e o Nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- SULMASY, D.P. A biopsychosocial-spiritual model for the care of patients at the end of life. *Gerontologist*, v.42, 2002.
- TOLSTOI, L. *A morte de Ivan Ilitch*. Porto Alegre: L&PM, 2002.
- XAUSA, I.A.M. *A psicologia do sentido da vida*. Campinas: Vide Editorial, 2013.